

## Formatura no Curso de Ciências Religiosas - Ano 2000

### Discurso do Paraninfo Prof. Dr. Cônego Pedro Carlos Cipolini

#### Introdução

Prezados formandos que hoje<sup>1</sup> concluem o curso de Teologia e Ciências Religiosas. Primeiramente, mandam as normas de cortesia que eu agradeça a escolha que fizeram de mim para ser paraninfo. Nas avaliações do Instituto de Teologia, vossa turma sempre foi avaliada como sendo diferente das demais, e vocês o foram até na escolha do paraninfo e do patrono. Penso que este fato faz parte do lema que escolhestes para a turma: *Oikoumene* Mais que nunca, hoje é necessário alargar as vistas, dar espaço para o outro, para o diferente, este espírito *ecumênico*, é componente importante do Reino de Deus. Por tudo isto, agradeço-vos de coração a deferência que muito me honra.

Quero em seguida dar-vos **os parabéns**, por mais esta conquista em vossas vidas. Uma etapa importante em que se colocaram os alicerces, para que possais, daqui para frente, começar a *fazer teologia* com mais propriedade. Vocês foram corajosos, perseverantes, persistentes, aprenderam a aparar as arestas e conviver com a diversidade, superando a tentação do pensamento único, apanágio de todos os autoritarismos, quer sejam explícitos ou implícitos. Meus mais sinceros parabéns! Quero neste momento, lembrar brevemente alguns tópicos que julgo importante, cumprindo assim a tarefa paracletica de paraninfo, que é não só a de elogiar o esforço feito, mas também animar para a busca a ser prosseguida. Lembro três tópicos:

---

1. Discurso proferido na Igreja do Coração de Jesus, em Campinas, no dia 15 de dezembro de 2000.

## 1. “Dar as razões de nossa fé” (1Pd 3,15)

A Teologia será sempre uma tarefa inacabada. É a tarefa de dar as razões de nossa fé, como escreve o apóstolo Pedro. A percepção da luz vai exigir sempre mais luz. A razão jamais se contentará com o que descobre, e o que ela descobre, será sempre maior do que aquilo que ela poderá compreender. Na tarefa do *que-fazer* teológico, a fé e a razão compõem uma música polifônica, mas com um eixo temático bem definido por seu objeto: **Deus**. A Teologia difere das Ciências da Religião que investigam o fenômeno religioso. A Teologia investiga o objeto último de toda religião que é Deus.

Na tarefa teológica é necessário evitar a armadilha de conferir onipotência à razão. A segurança falaciosa da razão divinizada, volta-se contra o próprio homem: exemplo disso é a crise ética na qual vivemos. Não tendo regulação ética para o uso da técnica, a violência contra o homem é acompanhada da destruição do cosmos. Tanto assim que a ecologia entra hoje na agenda de qualquer reflexão teológica séria. Na tarefa teológica, deve-se evitar também o menosprezo da razão humana, porque isto gera uma angústia infinita e insanável, um infantilismo lastimável, que se concretiza na fuga do mundo ou na oposição a ele.

Na tarefa de fazer Teologia deve-se, no entanto, harmonizar a razão com a “*relação*”, com a “*comunhão e comunicação*”. O que quero dizer com isso é o que Hegel exprime dizendo que: “*O verdadeiro é o todo*”: (*Nexus mysteriorum ipsorum inter se*: “há um nexos dos mistérios entre si”). As verdades estão interligadas num todo compacto e único. A Teologia deve caminhar à luz da razão, mas deve ir da razão para a “*relação*”. É a humanidade concreta que faz ceder todo racionalismo exacerbado, o qual impede que a fé cumpra a tarefa de dar as razões de sua existência. Ao desejo de saber e de produzir (trabalho), o homem acrescentou o desejo de *comunhão/relação* universal. E assim podemos falar de *intellectus amoris*. Este amor que Dante diz mover o sol e as estrelas (cf. *Divina Comédia, Paraíso*). Desde Platão, o Ocidente acostumou-se a associar a felicidade ao conhecimento perfeito. Desconhecia-se a implicância da emoção na apreensão dos conceitos, o que se chama hoje de inteligência emocional. Hoje intuimos que a felicidade vai além do conhe-

cimento perfeito, ela está no amor perfeito. E a teologia deve ser capaz de dar os motivos pelos quais assim é. Não se iludam, a razão é necessária, mas somente como caminho para nos levar ao amor. Não se percam no caminho. No final somente restará o amor que tudo supera. Por isso, se diz que só se vê bem com o coração (A. de Saint-Exupéry).

## 2. A teologia é uma tarefa eclesial

A Teologia não é uma atividade privada. É necessário lembrar esta verdade. A Teologia não tem valor a não ser na medida em que é aceita pela Igreja, já que o carisma da verdade não pertence a um indivíduo, mas somente ao testemunho unânime de toda a comunidade dos fiéis (cf. LG 12). A base para se fazer teologia é a investigação sobre a Revelação. A Verdade revelada é objeto da Teologia, esta verdade é confiada a todo o Povo de Deus, sendo que, só nele se tem garantia de acesso a esta realidade. A *missio canonica* faz do teólogo que ensina um delegado não do Magistério, mas da Comunidade Eclesial que é o Povo de Deus na sua totalidade. “*O teólogo guarda sempre liberdade de pesquisa, liberdade consubstancial à teologia enquanto saber crítico. Entretanto, a livre discussão teológica deve sempre pôr a salvo duas coisas essenciais: a verdade essencial da fé e a caridade eclesial, seja em relação ao Povo de Deus, seja em relação aos seus Pastores*”<sup>2</sup>. Neste sentido é importante recordar o que alguém já disse: É preferível errar juntos que acertar sozinho! A Teologia é um serviço à comunidade. Não se esqueçam, ser teólogo é um carisma, um dom que não é dado para uso pessoal, para a vanglória, mas em benefício da Igreja, servidora do Reino.

A Igreja é a comunidade que se alimenta da Sagrada Escritura que foi gerada pelo Espírito Santo em seu seio. A comunidade é anterior à Palavra escrita e a Palavra está em sua plenitude, no Verbo que se fez carne. A Palavra que é Jesus Cristo também é e continua sendo “Palavra de Deus”, irredutível à captação puramente humana, e cuja riqueza está totalmente voltada para a plenitude escatológica:

2. BOFF, C., *Teoria do método teológico*, Petrópolis, Vozes, 1998, p. 84.

“Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1,26). Escreve S. Bernardo: “O Verbo se fez carne e já habita entre nós. Habita totalmente por meio da fé nos nossos corações, habita em nossa memória, no nosso pensamento, e chega até possa imaginação (...) agora porém, quis ser compreendido, quis ser visto, quis ser pensado”<sup>3</sup>.

No vosso itinerário teológico, sejam fiéis a Cristo, que, como a Paulo nas portas de Damasco, apareceu à Igreja latino-americana, no rosto do pobre e excluído. A mensagem cristã é Jesus Cristo. A fé em Jesus Cristo torna-se possível pela experiência do Espírito Santo na comunidade viva que é a Igreja<sup>4</sup>.

### 3. Teologia e mística

“Toda verdadeira teologia nasce de uma espiritualidade, vale dizer, de um encontro forte com Deus dentro da história”<sup>5</sup>. De fato, toda verdadeira teologia termina na mística. É conhecida a frase de **Evagrio Pôntico**: “Se és teólogo, rezarás verdadeiramente, se rezas verdadeiramente, és teólogo”<sup>6</sup>. A Teologia não pode perder o senso do mistério, do inefável. “No centro da Teologia está o mistério de Deus. E o acesso mais profundo a ele se faz pelo coração, pela conversão, pela vida. Sem esta percepção da teologia, o estudo pode ficar preso no departamento da inteligência, seco e até estéril. O teólogo, mais que um ativo perscrutador de Deus, é alguém que se sente capturado por Ele”<sup>7</sup>.

Neste sentido, podemos dizer que não se faz teologia sem paixão pelo conhecimento de Deus. Paixão fundamental, podemos chamá-la de paixão por penetrar no mistério de Deus através da luz da inteligência. Esta paixão pelo conhecimento de Deus exige de nós uma busca, uma espera, um entusiasmo: “É com ardor que você deve

3. Cf. *Sermo de Aquaducto*, em *Opera Omnia*, Ed. Cisterc. 5 (1968), pp. 282-283.

4. Cf. COMBLIN, J., *Teologia da Libertação, Teologia Neoconservadora, e Teologia Liberal*, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 48.

5. BOFF, L. & BOFF, C., *Como fazer Teologia da Libertação*, Petrópolis, Vozes, 1986, p. 14.

6. Cf. *De Oratione* 60 - PG 79, 1179.

7. LIBÂNIO, J. B. & MURAD, A., *Introdução à Teologia*, São Paulo, Loyola, 1996, p. 59.

*aplicar-se ao conhecimento da realidade divina...ore para que Deus te dê o entendimento*"<sup>8</sup>.

Em nossas vidas tudo é absurdo, diz o "filósofo" Coélet, mas o teólogo Alceu Amoroso Lima diz que tudo é Mistério, em seu último livro assim intitulado. E este mistério entrevisto pela teologia deve trazer alegria ao mundo. O Mistério não é obscuridade, mas é um mar de luz, luz tão deslumbrante que ultrapassa e ofusca a razão. A grande tarefa da Teologia hoje, em um mundo assolado pelo consumismo estéril e pela perversão da exclusão social, é trazer alegria. Há hoje muito prazer e pouca alegria no mundo. *Gaudium magnum nuntio vobis (Eu vos anuncio uma grande alegria)* é esta a primeira notícia a respeito de Jesus, após seu nascimento (Lc 2,10). Por isso o Concílio Vaticano II vem nos lembrar a tarefa de dar ao mundo *Gaudium et Spes (Alegria e Esperança)*. A alegria sumiu porque se perdeu a capacidade de perceber a gratuidade e o dom, em uma sociedade mercantilizada por uma economia sem coração.

*"Numa sociedade assim, afligida tanto pela ausência de sentido como pelo conflito de sentidos, precisamos de teólogos mais até que de economistas (...) Por isso precisamos de teólogos que vivam um certo tipo de vida. E eu diria que o teste e fruição desta vida é a alegria. É a alegria de encontrar aquele que é o sentido de nossa vida"*<sup>9</sup>. Nossa época pede Teologia, a realidade social em que vivemos também pede Teologia pois colocam o problema da missão cristã frente aos desafios que vão surgindo. No início deste terceiro milênio que se anuncia fantástico, a Teologia deve desvendar o segredo, a graça e a misericórdia que perpassam todas as realidades, como um hino silencioso somente perceptível aos que buscam. Enfim a Teologia deve provar que "A beleza salvará o mundo"<sup>10</sup>.

## Conclusão

Sejam buscadores, nunca dêem por acabada a tarefa que começaram. Sejam felizes e façam muitas pessoas felizes com o

8. S.AGOSTINHO, *Carta 120*, escrevendo a um jovem teólogo.

9. RADCLIFFE, T., *A alegre tarefa da Teologia*, em *Concilium 4* (2000), p. 12.

10. EVDOKIMOV, P., *A mulher e a salvação do mundo*, São Paulo, Paulinas, 1986, p. 264.

vosso *teologar*. Permitam-me terminar, meus queridos afilhados, com uma frase de S. Gregório de Nissa que muito me toca: “*Aquele que vai subindo jamais cessa de ir progredindo, de começo em começo, por começos que não tem fim*”<sup>11</sup>.

Muito obrigado!

## Discurso do Patrono

### Prof. Dr. Pe. José Antonio Trasferetti

Foi com muita alegria que recebi o convite para ser patrono dos formandos do curso de Ciências Religiosas da PUC-Campinas, ano 2000. Sei que não foi fácil para vocês chegarem a este momento. O estudo sério e responsável exige disciplina e muito esforço mental. Muitos de vocês precisaram conciliar atividades familiares, compromissos pastorais, trabalho e estudos. Entretanto, a necessidade de aprofundar os estudos, motivados por uma necessidade pastoral se fez mais forte. Vocês conseguiram realizar metas, atingir objetivos, conquistar espaços.

A necessidade de leigos maduros (homens e mulheres) que se dediquem à evangelização do “Povo de Deus” e ao serviço cristão no mundo é um fato incontestável. João Paulo II em *Christifideles Laici*, nº 3 afirma:

*Nesta hora magnífica e dramática da história, no limiar do terceiro milênio, novas situações, tanto eclesiais como sociais, econômicas, políticas e culturais, reclamam hoje, com uma força toda particular, a ação dos fiéis leigos. Se o desinteresse foi sempre inaceitável, o tempo presente torna-o ainda mais culpável. Não é lícito a ninguém ficar inativo.*

Estas palavras do Papa ainda ecoam em nossos ouvidos, conclamando-nos à inserção social. O Papa recorda que sem um laicato maduro e comprometido, torna-se cada vez mais difícil para a igreja tornar-se socialmente presente no mundo, de modo adequado às necessidades da nova evangelização. A superação da concepção “clerical” da Igreja não significa necessariamente desvalorização do

11. *Hom. em Cant. n. 8.*

sobrenatural ou imaturidade da fé. Pelo contrário, queremos afirmar a necessidade de uma experiência religiosa que seja operante, eficaz e realista. A inserção social e o compromisso político estão umbilicalmente relacionados com a nossa experiência religiosa. O mundo não é uma prisão de onde fugir, mas é exatamente o “espaço teológico” em que todos os cristãos, indiscriminadamente (e em primeiro lugar, os leigos) são chamados a viver e a agir para anunciar e testemunhar o Reino de Deus. O testemunho oferecido se encarna nas realidades terrestres tornando-se realidade primeira, ação concreta, disposição teológica.

Para os cristãos é reservada a tarefa de serem anunciadores da paz, semeadores da boa nova em todos os lugares e dimensões da realidade social. O Papa afirma:

*As imagens evangélicas do sal, da luz e do fermento, embora se refiram indistintamente a todos os discípulos de Jesus, têm uma específica aplicação nos fiéis leigos. São imagens maravilhosamente significativas, porque falam não só da inserção profunda e da participação plena dos fiéis leigos na terra, no mundo, na comunidade humana, mas também e sobretudo, da novidade e da originalidade de uma inserção e de uma participação destinadas à difusão do evangelho que salva.*

Neste sentido, podemos afirmar que o leigo, embora na originalidade da sua “índole secular”, não é um corpo separado, uma célula errante no organismo eclesial. Recebe o chamado para o compromisso social não por delegação do Padre ou do Bispo mas diretamente de Jesus através do batismo. Sua vocação é específica desde a origem, e se reforça com a Confirmação, cresce e amadurece na Eucaristia. Sua trajetória é de uma pessoa inserida na comunidade eclesial, com compromissos e responsabilidades inerentes à sua vocação religiosa. Na verdade, não existem diferenças entre os membros do corpo de Cristo. Todos somos iguais na mesma responsabilidade cristã de anunciar os mistérios de Deus num mundo cada vez mais conturbado.

João Paulo II, em *Christifideles Laici* n° 32, afirma: “*E se é certo que alguns, por vontade de Cristo, são constituídos para os*

*demais, como doutores, administradores dos mistérios e pastores, reina afinal entre todos verdadeira igualdade no que respeita à dignidade e à ação comum do conjunto dos fiéis para a edificação do corpo de Cristo*". Deste modo, o leigo é chamado a ser um "homem de síntese". Para isto é preciso manter-se dentro de uma espiritualidade que seja concreta, libertadora. Em *Christifideles Laici*, nº 34, continua João Paulo II, "*O mais belo e convincente testemunho da força transformadora do evangelho será a síntese vital que os fiéis leigos saberão realizar entre o evangelho e os deveres cotidianos da vida*".

É extremamente importante esse apelo à tarefa insubstituível que os leigos têm na realização prática das propostas do evangelho de Jesus Cristo. A doutrina social da Igreja Católica só se torna eficaz, operante, realizada, quando os leigos assumem de corpo e alma seus desígnios salvadores no mundo. Por favor, não parem de estudar! Continuem sendo curiosos, apliquem-se no conhecimento da Palavra de Deus, busquem no magistério eclesial as inspirações teológicas para os vossos trabalhos pastorais, sejam comprometidos com a comunidade local. Portanto, meus caros amigos, parabéns pela formatura, que Deus abençoe a todos, e lhes dê muita saúde e paz para serem efetivamente portadores da boa notícia para todos os povos.

